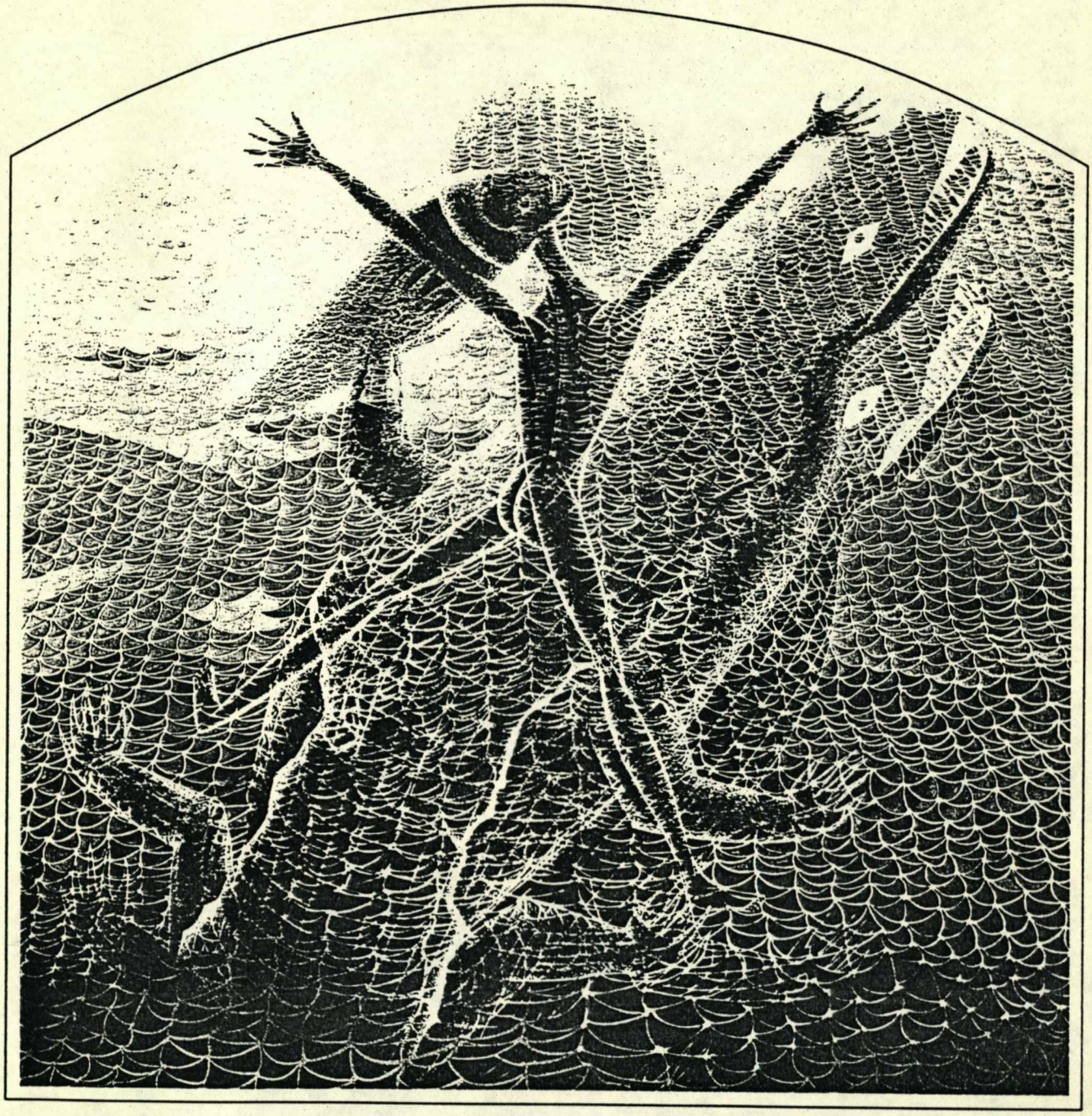
TL385
CDPM
DOCUMENTAÇÃO

UNIVERSIDADE DO PORTO
Reitoria

O POVO DE TIMOR
NÃO PODE SER ESCRAVO

Primeiras Jornadas de Timor da Universidade do Porto
Anfiteatro da Reitoria, 16 de Setembro de 1989

TIMOR



Manifesto Maubere

A cultura é a memória
de um povo que não morre!

A acção é a história
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

A vida é a liberdade
de um povo que não morre!

A independência é a vontade
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

A justiça é a oferta
de um povo que não morre!

A luta é a descoberta
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

Fernando Sylvan

1 - O crocodilo que se fez Timor

(lenda)

2 - Ami Timur oan (Nós os filhos de Timor)

(canção)

AMI TIMUR OAN SIRA NÉ
LARAN MESAK MANEK MANEK DEIT
LARAN MÓS KLAMAR MÓS
LAO BUKA RAI SELUK SELUK
NEON NAKUKUN SEI ORAS NÉ
ABAN BAI RUA SEI NAKLOKE BELE
AMAN INAN DIAK
NEON METIN BA AMI TOMAK MÓS

Nós os filhos de Timor
temos engenho
e alma límpida.
Andamos à procura de outras terras
até agora vivêmos nas trevas
mas um dia o horizonte se abrirá
O Pai e a Mãe são bons
e confiam em nós.

3 - Ritual do nascimento

Quando nasce uma criança, a Mãe fica longos dias (trinta, quarenta ou até mais dias, consoante as regiões) junto a uma lareira que se acende ao lado do seu lanten.

Para estimular a produção de leite, a família molha panos com água a ferver que aplica sobre o peito e as costas da Mãe

4 - BELU LABELAIN (Reunião de amigos)

(canção de embalar)

Poema: **Canção timor de embalar**

Meu menino
dorme
dorme...
Diziam
as mães antigas
aos filhos
para fechá-los
no sono
sobre as esteiras.

Acorda
meu filho
acorda...
Sacodem
as mães agora
os filhos
para chamá-los
às armas
e às canseira.

Acorda
meu filho
acorda...
Não podes
dormir sonhar:
guerrilheiro
tens de ser
que o povo
tem de lutar!

Meu menino
dorme
dorme...
Não podiam
nesse tempo
nem futuro
amanhecer
nem liberdade
cantar.

Fernando Sylvan

5 - Jogos infantis

5.1 - Caricas
5.2 - KUDA TALI REBO REBO (agarrados à corda do cavalo)
5.3 - HAKSIMU FATUK (malabarismo com pedrinhas)

6 - AMPAT KALI (Dança de festa)

(quatro passos)

7 - Barlaque
(casamento gentílico)

8 - Danças rituais de trabalho
8.1 - SURO BOEK (Apanha do camarão)
8.2 - SAMA HARE (Debulha do arroz)

9 - Danças festivas
9.1 - MAKIKIT (Dança do milhafre)
9.2 - LECE LUAN (Tebe - Dança de roda)

10 - Ritual da morte

Quando uma pessoa morre os parentes vêm apresentar os pêsames e trazem búfalos, panos, porcos ou comida.

A parte materna da família do morto pede à família do homem coisas para o funeral e para completar o pagamento do barlaque (se este ainda não foi pago na totalidade).

A linguagem empregue é figurada. Assim, pode pedir um "chapéu" para significar um búfalo, ou uma "bengala" a outro parente do lado paterno, para significar um cavalo, etc.

À família do lado materno são pedidos panos, porcos ou outros bens "femininos".

O funeral só se faz depois de reunida toda a família e de saldadas as dívidas do morto (o que pode demorar dias, semanas ou meses).

ENTERREM MEU CORAÇÃO NO MONTE RAMELAU

1
Que faço eu neste quato de madeira húmida neste país distante? As pálpebras apertam-se como duas lâminas e impedem-me o sono. Lá longe, no país de Timor, na profundeza do mar, o molusco bivalve abre docemente os lábios e serve os últimos resíduos de luz.
Oh, assim também eu gostaria que esta memória não me afogasse em catadupas.

2
Entreabro os olhos. Os eléctricos passam como gaiolas acesas desertas nestas ruas secundárias de Lisboa. Morre-me o intento de abrir as venezianas à luz da madrugada. Cambaleio no quarto. Na minha mão um frasco de perfume barato comprado num drugstore de Austrália. Oh, sei que adorarias este perfume, e estou a ver-te recebê-lo com o teu sorriso adolescente. Adorarias este perfume Elisa, se estivesses viva, se não te tivessem metralhado o peito, o desenho duma borboleta de sangue sobre os seios morenos.

3
Oh Suharto, mira-te as últimas vezes no mármore preto do chão do teu palácio. Terás a morte na saúna do teu sangue. Esqueces que a alma de Timor é uma couraça, esqueces que somos filhos do grande crocodilo que cruzou o oceano.

4
O Tata Ramelau volatizou-se no nevoeiro do gaz. O seu espírito espera-vos, soldados doutras pátrias, em cada esquina de Dili, em cada curva da estrada, em cada pastilha elástica que mastigam suados de medo.

5
Estou aqui e penso: nem a morte nos pode juntar: vocês morrem pela ordem e pacificação na 27ª província e nós morremos pela nossa pátria independente.

6
Ainda me lembro em fins de Novembro, uma criança corria na areia fina da praia de Dili: que vento lhe apagou as pegadas de criança?, que morte lhe tolheu os passos? A todos os refugiados de Jamor perguntei por este meu filho de olhos cor de Timor. Em cada rosto um mapa de passos perdidos nas rugas de areia dos exilados.

7
Abro o armário de madeira húmida e visto uma camisa lavada que me deram em Port Darwin. Abro a porta para a terra estrangeira e o frio de Janeiro corta-me a pele. Fecho a porta como se enterrasse o meu coração no cume do Ramelau.

Jorge Lauten

11 - Canção: KDADALAK

(regatos)

(Tradução livre)

Regatos convergindo transformam-se em rios
Os rios juntando-se qual a força que se lhes opõe
Assim os timores devem juntar-se
Devem unir-se para se oporem ao vento que sopra do mar.
O vento que sopra do mar fustiga o kabala
Fere a vista e martiriza o dorso
Faz as lágrimas e o suor rolarem pelo chão
Suga a gordura da nossa terra e dos nossos corpos
Regatos convergindo transformam-se em rios
TIMORES UNIDOS ERGAMOS A NOSSA TERRA.

12 - Poema

Sobre o futuro

Rezaste, Mãe, o meu futuro!

No meu tempo de menino
não havia outra forma de querer.

Agora, há

Fernando Sylvan

13 - Dança guerreira

14 - Poema: O POVO MAUBERE NÃO PODE SER ESCRAVO DE MAIS NINGUÉM

É preciso
Viver
E sentir
p'ra esquecer-se
E o Povo
Servir

É preciso
Lutar
P'ra vencer
E acabar
Com o medo
Servil

É preciso
Este solo
Regar
Com suor
Com amor
A estrumar

É preciso
Este povo
Ensinar
P'ra entender
Quem o quer
Explorar

É preciso
Fazer
Despontar
Deste solo
Calcado
O Homem novo

É preciso
Destruir
E acabar
Com o peso
E opressão
Colonial

É PRECISO GRITAR BEM ALTO
QUE O POVO DE TIMOR
QUE O POVO MAUBERE
NÃO PODE SER ESCRAVO
DE MAIS NINGUÉM

DE MAIS NINGUÉM
DE MAIS NINGUÉM
DE MAIS NINGUÉM

Borja da Costa

Espectáculo realizado pelos participantes nas Primeiras Jornadas de Timor da Universidade do Porto, e montado entre 11 e 16 de Setembro de 1989.

LISTA DE PARTICIPANTES TIMORENSES

Francisco de Menezes
Francisco Maria Aparício
Luís Costa
Nelson Alexandrino Joaquim
Fernando da Costa Soares
Meireles Alves Boa Vida
António Assunção da Luz Rosa
Geralda Faria
Madalena de Canossa Fátima de Mesquita de Andrade
Maria Carmen Babo de Araújo
Célia Maria de Assis Araújo
Carla Maria de Sousa Gama
Brigida dos Reis Mesquita
Julieta Mesquita dos Reis
Paula Jerónimo
Natalina Horta
Leonor Cardoso Mota (Nucha)
Fátima Guterres

Direcção e Coordenador da Animação: Miguel Loureiro
Professor de Expressão Dramática da Escola Superior de Setúbal; Actor-Encenador

Responsável e Coordenador das Jornadas: A. Barbedo de Magalhães
Professor Associado da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Realização da Reitoria da Universidade do Porto